



CASA DE ALVENARIA: UM DIÁRIO SOBRE O LABOR INTELLECTUAL E A ASCENSÃO MATERIAL DE CAROLINA DE JESUS

Angela Maria Rubel Fanini¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Curitiba, Paraná, Brasil

Paulo Sandrini²

Centro Universitário Campus Andrade, Programa de Pós-Graduação em Teoria literária, Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Neste estudo, lemos *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada, 1961*, de Carolina Maria de Jesus, destacando o sentido da “escrevivência”, de que nos fala Conceição Evaristo, quando literatura e vida se conectam, estabelecendo-se uma escrita de si e dos outros. Vida real e vida literária se vinculam em um importante e belo ensaio romanesco e sociológico, apresentando uma interpretação do Brasil pelas lentes de uma mulher negra e pobre. A escritora destaca as contradições existentes em cada espaço, pois tanto na favela em que morou quanto no bairro de classe média para o qual migra e, ainda, nas altas esferas econômicas e intelectuais da sociedade, há venturas e desventuras. A obra reforça a certeza de que os livros são importantes, pois Carolina modifica a sua existência a partir das janelas abertas pelo que leu e que a auxiliaram a refletir mais sobre a sua existência concreta. A palavra literária, então, renomeia o real, interpretando as contradições de classe e cor presentes no Brasil.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira, labor intelectual, Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*

CASA DE ALVENARIA: A DIARY ON THE INTELLECTUAL WORK AND THE MATERIAL RISE OF CAROLINA DE JESUS

Abstract: In this study, we read *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada, 1961*, by Carolina Maria de Jesus, highlighting the meaning of “writing”, of which Conceição Evaristo tells us, when literature and life are connected, establishing a writing of yourself and others. Real life and literary life are linked in an important and beautiful novelistic and sociological essay, presenting an interpretation of Brazil through the lens of a poor

¹ Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Pesquisadora de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: rubel@utfpr.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7088-1251>

² Professor do Centro Universitário Campus Andrade, Programa de Pós-graduação em Teoria literária. E-mail: paulosandrinerster@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3952-869X>



black woman. The writer highlights the contradictions that exist in each space, as both in the favela where she lived and in the middle-class neighborhood to which she migrates, and also in the high economic and intellectual spheres of society, there are fortunes and misfortunes. The work reinforces the certainty that books are important, as Carolina modifies her existence based on the windows opened by what she read and which helped her to reflect more on her concrete existence. The literary word, then, renames the real, interpreting the contradictions of class and color present in Brazil.

Keywords: Brazilian Literature, intellectual labor, Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*

CASA DE ALVENARIA: UN DIARIO SOBRE EL TRABAJO INTELECTUAL Y EL ASCENSO MATERIAL DE CAROLINA DE JESUS

Resumen: En este estudio leemos *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, 1961, de Carolina Maria de Jesus, destacando el significado de “escritura”, de la que nos cuenta Conceição Evaristo, cuando la literatura y la vida están conectadas, estableciendo una escritura de ti mismo y de los demás. La vida real y la vida literaria se unen en un importante y hermoso ensayo novelístico y sociológico, que presenta una interpretación de Brasil a través del lente de una mujer negra pobre. La escritora destaca las contradicciones que existen en cada espacio, ya que tanto en la favela donde vivió como en el barrio burgués al que migra, y también en las altas esferas económicas e intelectuales de la sociedad, hay fortunas y desgracias. La obra refuerza la certeza de que los libros son importantes, pues Carolina modifica su existencia a partir de las ventanas abiertas por lo que lee y que la ayudaron a reflexionar más sobre su existencia concreta. La palabra literaria, entonces, cambia el nombre de lo real, interpretando las contradicciones de clase y color presentes en Brasil.

Palabras clave: Literatura brasileña, trabajo intelectual, Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*

CASA DE ALVENARIA: UN JOURNAL SUR LE TRAVAIL INTELLECTUEL ET L'ESSOR MATERIEL DE CAROLINA DE JESUS

Résumé: Dans cette étude, nous lisons *Casa de alvenaria : diário de uma ex-favelada*, 1961, de Carolina Maria de Jesus, mettant en évidence le sens de « écrire », dont nous dit Conceição Evaristo, lorsque la littérature et la vie sont liées, établissant une écriture de vous-même et des autres. La vie réelle et la vie littéraire sont liées dans un important et bel essai romanesque et sociologique, présentant une interprétation du Brésil à travers le prisme d'une pauvre femme noire. L'écrivain met en évidence les contradictions qui existent dans chaque espace, car tant dans la favela où elle a vécu et dans le quartier bourgeois vers lequel elle migre, que dans les hautes sphères économiques et intellectuelles de la société, il y a des fortunes et des malheurs. L'œuvre renforce la certitude que les livres sont importants, car Carolina modifie son existence en fonction des fenêtres ouvertes par ce qu'elle a lu et qui l'ont aidée à réfléchir davantage sur son existence concrète. Le mot littéraire renomme alors le réel, interprétant les contradictions de classe et de couleur présentes au Brésil.



Mots-clés: Littérature brésilienne, travail intellectuel, Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*

BREVE INTRODUÇÃO À OBRA *CASA DE ALVENARIA*

Neste artigo, nos ocuparemos da obra *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*³, da escritora negra brasileira Carolina Maria de Jesus⁴. Essa obra é pouco analisada, pois não encontramos artigos suficientes⁵ em sites de periódicos da área de Humanidades que indiquem um contexto de leitura robusto. Isso causa estranheza, pois a obra já tem mais de 4 (quatro) décadas, tendo sua primeira publicação em 1961. Depois dessa edição, não houve outra. Somente em 2019, temos notícia de que a presente obra poderá receber nova reedição pela Editora Companhia das Letras, integrando um projeto intitulado “Cadernos de Carolina”. Até o presente momento, não há ainda essa edição. Mais de quatro décadas de existência desta obra poderiam ter gerado um material crítico abundante, mas não é o que verificamos.

Em relação aos artigos aqui citados, de revisão bibliográfica, percebemos em todos uma abordagem interdisciplinar, distanciando-se de uma perspectiva puramente estética. Fizemos um pequeno resumo desses, que ora segue.

³Jesus, C. M. (1961). *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda). Todas as citações se referem a essa edição.

⁴Carolina Maria de Jesus, nasceu no dia 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, em uma comunidade rural. Seus pais eram analfabetos. Frequentou a escola por apenas dois anos, onde aprendeu a ler e a escrever, adquirindo seu pela leitura. Em 1937, mudou-se para São Paulo, quando foi empregada doméstica. Em 1948, desempregada e grávida, foi morar na favela do Canindé, zona norte da cidade. Ali, teve três filhos (dois meninos e uma menina). Em 1960, ao publicar seu primeiro livro, *Quarto de despejo*, e devido ao sucesso de vendas mudou-se para o bairro de Santana, na capital paulista, para viver em uma casa de alvenaria, ascendendo socialmente. Faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em Parelheiros, zona sul de São Paulo, arruinada financeiramente e já esquecida pelos círculos intelectuais.

⁵Referindo-se à obra *Casa de alvenaria*, encontramos na rede (pesquisa Google), nas seis primeiras páginas, os seguintes artigos acadêmicos: Miranda, 2015; Palma, 2017; Flores, 2018, Conceição, 2019; Flores e Souza, 2018; Oliveira, 2020; Oliveira, Bleinroth, Silva, Amorim, Santos Júnior, Costa Melo, 2020. São poucos, pois a maioria das publicações refere-se a *Quarto de despejo*. Não é intuito deste artigo levantar em vários bancos de dados a fortuna crítica sobre a autora, mas é preciso destacar que, em relação à Casa de alvenaria, em uma pesquisa exploratória, verificamos pouca produção crítica. Mesmo os artigos aqui citados não apresentam destaque exclusivo para a obra. É um livro importante para a Literatura Brasileira e merece receber novas leituras. Nesse sentido, pensamos em contribuir para a expansão desse contexto de leitura.



Miranda (2015) trata de três obras de Carolina, incluindo a que selecionamos, destacando o caráter autobiográfico dessas, sobretudo focando na arte da palavra. Nosso artigo dialoga com esse no que tange à importância de se estudar a constituição literária como estratégia de resistência. Entretanto, Carolina não é apenas uma intelectual da palavra, é também uma trabalhadora brasileira, executando tarefas materiais, o que já enfatizamos.

Palma (2017) trata de três obras, incluindo a que selecionamos. Investiga a construção discursiva do espaço, mormente o da casa, a partir da ação feminina de Carolina, enfatizando a perspectiva multifuncional da morada, investigando-a como lugar de resistência, de escrita e de arquivo, e também explorando a cartografia das casas imaginadas pela protagonista. A pesquisa tem por escopo a perspectiva de gênero. Dialogamos com essa investigação à medida que o *locus* discursivo também nos é importante.

Conceição (2019) explora o livro em tela, tratando a autora como intérprete dos muitos brasis, destacando, sobretudo, seu local discursivo, nomeando-o de contra-hegemônico, uma vez que o olhar que vê a favela e a cidade em suas contradições parte de dentro das classes sociais menos favorecidas em embate pela sobrevivência social. A esse olhar, em nosso artigo, denominamos local de fala do intelectual orgânico.

Já Flores e Souza (2018) trazem uma abordagem não exclusiva sobre *Casa de alvenaria* a partir de uma perspectiva sociológica e dos estudos culturais, problematizando a inserção da autora no mundo literário e como a intelectual trata de vários temas e situações brasileiras dentro de um contexto contraditório de divisão social e econômica. Destacam, sobretudo, a marginalidade de sua escrita, visto que o seu espaço discursivo advém das favelas e da educação não formal. Nosso artigo dialoga com esse ao enfatizar, entre outras questões, a ordem discursiva não tradicional da escrita de Carolina.

Oliveira *et al* (2020) analisam o paralelo entre a vida e as obras de Carolina, investigando a fome (re)lembrada, a importância da escolarização, a escrita testemunhal, o olhar da mulher negra para a branquitude feminina e para as relações étnico-raciais e o ser negra(o) no Brasil. Também tratam das interações entre a escrita de si e a ficcionalização do real em uma abordagem transdisciplinar a que esta pesquisa também adere.



Oliveira (2020) traz uma pesquisa de campo e de recepção da autora em visita à cidade de Caruaru, Pernambuco, destacando a repercussão dessa visita no meio acadêmico e nos jornais locais. O foco se concentra na recepção social da intelectual a partir do sucesso de sua produção literária. O nosso artigo tangencia esse à medida que também focalizamos, em parte, os espaços políticos e sociais visitados pela autora. No entanto, nossa pesquisa é bibliográfica e atém-se a uma obra.

É preciso trazer a lúmen as obras dessa ilustre e importante autora, especialmente dentro de um contexto da Literatura Brasileira em que há poucos intelectuais oriundos das classes populares. A maioria de nossos escritores pertencem a estratos sociais médios ou altos⁶. Carolina é conhecida, principalmente, por ter escrito *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que tem sido objeto de significativa investigação desde que foi lançada em 1960⁷.

A obra *Casa de Alvenaria* é de 1961 e em boa parte dessa narrativa, que se dá em forma de diário, a autora descreve e conta a sua lida em torno da edição, publicação, divulgação e circulação da obra *Quarto de despejo*. O livro foi publicado pela Editora Paulo de Azevedo Limitada, do Rio de Janeiro, e distribuído pela livraria Francisco Alves⁸, com prefácio de jornalista Audálio Dantas⁹, que descobriu a moradora e escritora da favela de Canindé, São Paulo. O jornalista foi ainda o responsável por dar visibilidade

⁶ A esse respeito, consultar Sergio Micelli, cuja obra *Intelectuais à brasileira*, 2001, trata do perfil de nossos escritores, destacando a origem de classe de cada um, enfatizando a elitização dos mesmos. A maioria de nossos escritores advém de estratos médios ou altos da sociedade, sendo escolarizados e tendo uma rede de relacionamentos com famílias ricas que lhes proporciona o ingresso em cargos públicos, visto que não vivem só do labor literário. Carolina de Jesus, sendo pobre, mulher e negra foge ao padrão encontrado pelo sociólogo na referida obra.

⁷ Devido ao espaço permitido a este artigo, não empreenderemos um panorama exaustivo do contexto de leitura e crítica das obras de Carolina aqui mencionadas. Entretanto, em nossa pesquisa exploratória, percebemos que *Quarto de despejo* é sobejamente conhecida do público e *Casa de alvenaria* é pouco analisada. Nesse passo, optamos por analisar esta última obra com o intuito de ampliar a visibilidade dessa literatura no âmbito da crítica literária.

⁸ A Livraria Francisco Alves é uma livraria e editora brasileira em atividade desde 1854, quando iniciou seus trabalhos sob o nome de Livraria Clássica, na cidade do Rio de Janeiro. É necessário salientar que a obra foi considerada e editada por uma instituição de renome.

⁹ Afirma-se como escritora em 1958, por intermédio de um jornalista da Folha da Noite, Audálio Dantas, que havia estado na favela de Canindé onde Carolina residia. O jornalista teria ido até lá para fazer um documentário (“Um dia na favela”) e deparou-se com a escritora que lhe mostrou seus manuscritos. Audálio leu os manuscritos e neles percebeu uma escrita estética de alto valor cultural e de denúncia social; e, então, decidiu publicá-los sob o título de *Quarto de Despejo: diário de uma Favelada*, em 1960. O livro foi traduzido para mais de 13 idiomas e circulou em mais de 40 países.



à escritora, pois foi ele quem conseguiu editar *Quarto de despejo*, sucesso de venda na década de 1960. Essa obra alcançou a venda de mais de 70.000 exemplares. E só no seu primeiro ano, atingiu a venda de 10.000, tornando-se um *best seller* à época. Nesse livro, Carolina conta sua vida na favela e narra as agruras da lide diária para sobreviver como catadora de material reciclável. A autora narra como trabalha arduamente durante o dia e como, à noite, exerce o labor imaterial, escrevendo sobre o que vive e sobre como seu cotidiano adverso se assemelha ao de muitos homens e mulheres moradores da favela de Canindé. Sua escrita advém do real, do cotidiano laborioso e reflete esse referencial. Entretanto, o faz não apenas descrevendo-o, mas o recria a partir de suas lentes críticas em que avulta uma denúncia social substantiva ao referir-se às elites, ao setor econômico, ao preconceito racial, à questão fundiária e sanitária, à fome e à vida degradada nas favelas. A linguagem de *Quarto de despejo* se origina na luta, no embate diuturno com condições inóspitas de subsistência. Trabalho material e imaterial se articulam¹⁰, explicitando-se em um discurso estético comprometido com a realidade, aliando literatura e vida¹¹. Já em *Casa de alvenaria*, temos o trabalho imaterial, pois a escritora já se encontra fora da linha da pobreza, ocupando-se da publicação e circulação de seu livro anterior. Possui uma posição social confortável. Suas mãos exercem o labor intelectual e não mais o duro trabalho diário de catar papel para sobreviver. No universo do trabalho, o labor material é desqualificado em relação ao intelectual. Isso se dá, sobretudo, em decorrência do período de séculos de trabalho escravo no Brasil. Nesse período, consolidou-se uma aversão ao trabalho material, sendo derogatório o seu exercício.

¹⁰ A esse respeito, consultar Fanini e Prado (2014), que investigaram essa obra sob o prisma do âmbito laboral, refletindo sobre o trabalho intelectual aliado ao trabalho material, este exclusivamente voltado para a sobrevivência. A escrita de Carolina reflete o real, sendo orgânica ao que a autora vive. Entretanto, a narrativa também refrata esse real uma vez que é crítica a ele, denunciando as mazelas sociais brasileiras. A obra é de denúncia social, partindo do real e a ele retornando por intermédio da palavra estética; ou seja, a palavra literária de Carolina é a um só tempo apegada ao que vive e distanciada do que vive. Imersão e exotopia proporcionam uma perspectiva crítica orgânica à prosa de Carolina.

¹¹ A perspectiva da articulação entre literatura e vida se baseia em Candido (1985) e Bosi (2002), críticos literários consagrados que, em suas obras, reiteram essa vinculação. A análise de obras literárias a partir desse mirante tende a destacar a visão de mundo do autor e a perspectiva ideológica com que percebe a realidade. A literatura, desse modo, é um documento histórico e também uma reflexão sobre a sociedade. Nossa análise também acompanha os escritos sobre linguagem de Mikhail Bakhtin e seu Círculo (1986): intelectuais russos que advogam a orgânica vinculação de qualquer forma discursiva ao contexto histórico. Nenhum discurso ocorre sem se reportar ao seu ambiente social, portanto, responde a ele. As obras literárias são enunciações que advêm do concreto da existência, problematizando questões culturais, sociais e históricas. A obra de Carolina se inscreve nessa perspectiva à medida que a escritora narra sobre o que observa, vive e experencia, denunciando a realidade brasileira em suas iniquidades e contradições.



Carolina, sendo pobre, com pouca escolaridade e negra, moradora de favela, surpreende por exercer o trabalho de escritora. Poucos escritores pertencem às classes populares na Literatura Brasileira, como já referido. Em *Quarto de despejo*, ela se divide entre a escritura do diário, sendo realizada à noite, e a labuta diária material. Em *Casa de Alvenaria*, ela gasta boa parte de seu tempo na escritura do diário sobre o diário, exercendo somente o trabalho intelectual. O universo do trabalho e suas contradições é tema recorrente na tradição epistemológica marxista. É pouco comum na área das Letras haver crítica literária que englobe essa temática. Para uma compreensão mais aprofundada do âmbito do trabalho, consultar Gorz (2005), autor que trata de modo abundante, em sua vasta obra, das diferenças entre trabalho material, mensurável e quantificável, e trabalho imaterial, em que a mensuração se faz não pela mercadoria produzida em si, mas pelo valor simbólico atinente ao produto ou serviço. Carolina adentra esse labor dos produtos imateriais e passa a se projetar nas Letras nacionais. Como referimos, o exercício das Letras no Brasil tem sido praticado majoritariamente por escritores advindos de classes médias ou altas. A leitura de obras que fogem a esse padrão hegemônico se faz necessária a fim de se trazer à luz de nossos alunos e professores esse importante universo de escrita. Nesse bojo, a obra de Carolina deve ser lida e analisada com o intuito de contribuir para fortalecer vozes diversas no mundo do labor intelectual e imaterial.

A escritora narra, em *Casa de alvenaria*, a sua introdução ao meio intelectual, descrevendo o seu dia a dia. No entanto, embora dentro do universo dos intelectuais, autografando livros, participando de debates, congressos e rodas literárias, a autora tem consciência de que aquele é um local inusitado para ela, sobretudo por sua origem social e étnica. Não é ingênua em relação ao meio em que passa a transitar. Assim, problematiza essa distopia: "Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo - os filhos abluíram-se - Será que o preconceito existe até na literatura! O negro não tem direito de pronunciar o clássico!" (JESUS, 1961, p.37).

Em *Casa de Alvenaria*, já não mais temos o espaço da favela, as brigas diárias com os vizinhos, as rondas policiais violentas e a pesada labuta por encontrar comida para si e para os filhos João, Vera e José. Nesse livro, a autora circula em outros cenários e conseguimos acompanhar a sua ascensão e dos filhos ao se mudarem para o bairro de Santana, cidade de São Paulo, para uma casa de alvenaria confortável. Narram-se as



viagens para Curitiba, Rio de Janeiro, Bahia, Porto Alegre e Recife a fim de divulgar o livro *Quarto de despejo* e o contato e encontro com jornalistas, livreiros, radialistas, escritores, políticos e com a alta sociedade brasileira. Carolina relata também seu encontro com Pelé, Leonel Brizola, Jorge Amado, Ademar de Barros, Eder Jofre e outros cidadãos renomados à época. A escritora assevera, por vezes, que deixou o inferno, o “quarto de despejo”, e foi para o céu, a “sala de visitas”, por intermédio do sucesso de vendas de seu livro. Ela e os filhos não passam mais por necessidades básicas, tendo uma existência material tranquila. A autora destaca essa alteração de itinerário na vida pós favela: “Não tenho prática de viajar sozinha. Eu era favelada. E o roteiro que favelado conhece é Santa Casa, Central de Polícia e Gabinete de investigações” (JESUS, 1961, p. 85).

Apesar dessa mobilidade social e econômica, a autora tem consciência de que é parcialmente distópica, pois não se enquadra mais na favela e também não pertence ao universo de intelectuais e de classe média alta no qual circula. O seu destino final comprova essa distopia à medida que não retorna a viver em Canindé, mas se isola do mundo intelectual em que esteve por pouco tempo. Apenas o seu primeiro livro foi sucesso entre os leitores. O segundo, a que estamos nos referindo, caiu no esquecimento e não teve o mesmo êxito de *Quarto de despejo*. A escritora falece em anonimato, parcialmente isolada e financeiramente arruinada.

CASA DE ALVENARIA: UMA POSSÍVEL LEITURA

A obra *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* constitui um registro discursivo em forma de diário, perfazendo 172 páginas, com capa de Cyro del Nero e prefácio do jornalista Audálio Dantas intitulado “Casa de Alvenaria: diário de uma ascensão social”. O prefácio contém seis páginas. Nele, Audálio trata a obra em tom amistoso. O jornalista se tornou amigo de Carolina, sendo seu tutor literário. As páginas introdutórias são um lindo cartão de visitas em que Audálio presta homenagem à escritora. O ilustre jornalista foi o responsável por introduzir Carolina no universo literário formal. No livro em tela, Carolina, por várias vezes, introduz passagens que narram sua relação amistosa com Audálio. O jornalista a protege e tutela; e isso, às vezes, aborrece a escritora, que lamenta certa intromissão em sua vida por parte de seu tutor.



A narrativa da obra se inicia em 5 de maio de 1960, percorrendo vários dias de todos os meses desse ano e também comporta o primeiro semestre do ano de 1961, terminando em 21 de maio. Não há registro diário em todos os meses. A narrativa é autobiográfica, trazendo o contar de si em encontro e desencontro com os outros. O contar é uma “escrevivência” no dizer da escritora já consagrada Conceição Evaristo¹². No trecho de entrevista citado, percebemos que Conceição utiliza o vocábulo “dentro” para enfatizar que a sua experiência literária está conectada diretamente à sua vivência, instituindo-se como escrevivência. Aqui, precisamos nos reportar às teorias da literatura para melhor compreender essa questão.

No século XIX, no Brasil, mormente no final do período de oitocentos, a crítica literária (com Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo¹³, grandes nomes da epistemologia literária) pautava-se principalmente por uma abordagem sociológica e biográfica. As obras eram vistas como reflexos do meio e da vida do autor. O critério de nacionalidade também era requisitado e quanto mais um autor tratasse de seu contexto, melhor seria avaliado. Muitos foram julgados pelo critério nacionalístico. Com a entrada do século XX, um movimento russo desestabilizou essa perspectiva que não era exclusiva da crítica brasileira. O denominado Formalismo russo foi um movimento contrário à crítica biográfica e contextual, focalizando o texto dentro de seus limites estéticos, vendo as obras em sua imanência, formalização e autonomia. Todavia, em paralelo a esse novo olhar que se torna referencial para a crítica ocidental e brasileira, surge o Círculo de Mikhail Bakhtin, que trata a estética em ligação com o contexto a ética e a política. Esse Círculo de estudiosos percebe a linguagem como discurso que circula socialmente e que se torna significativa a partir tanto do local de onde parte quanto mediante as respostas que oferece aos seus destinatários. A linguagem se faz discurso na *práxis* da vida e está impregnada de valores sociais. A literatura é também linguagem e discurso interativo e

¹²Tomamos o termo emprestado à Conceição Evaristo de Brito, escritora, ensaísta, poetisa e romancista (Belo Horizonte, 1946), consagrada nas Letras Nacionais. A intelectual explica como sua escrita e sua vida estão organicamente vinculadas. A referida articulação é posta em várias de suas entrevistas. A título de exemplo, trazemos a seguinte passagem em que se enfatiza tal interação: “Então, como pessoa que sofre uma série de interdições, por ser negra, mulher, oriunda das classes populares, a cada oportunidade que me surge, não posso e nem quero me silenciar sobre esses assuntos. E creio que a minha voz, pronunciada desde “dentro” dessas experiências, adquire outro tom. Há algo que ultrapassa a compreensão intelectual.” (<https://www.bn.gov.br/es/node/1774>). Entrevista com Conceição Evaristo.

¹³ Consultar Martins (1983), que traz uma visão panorâmica da crítica no Brasil desde seus primórdios até a contemporaneidade, passando sobretudo pelos mirantes formalistas e sociológicos.



contextual, partindo de certo enunciador e dirigindo-se a outro ou outros. O cenário político do Círculo foi o estalinismo e sua visão monológica de cultura, linguagem e política ao qual Bakhtin e companheiros se opuseram em seus escritos, advogando a diversidade, o dialogismo, a polifonia e a heteroglossia.

No Brasil, os estudos formalistas vicejaram, sobremodo, a partir da década de 1950 e se fortaleceram com Afrânio Coutinho, Luis Costa Lima e Aguiar e Silva. Nas décadas de 1960, 70 e 80, o Formalismo embasou boa parte dos estudos literários em que as obras se desvinculavam do autor empírico e histórico. O texto passou a receber uma análise formal e imanente de seus componentes estilísticos e a biografia do autor não importava para a leitura dos textos literários. Nesse cenário, temos a obra de Carolina e essa não se encaixa em análises estruturalistas e formais, uma vez que se constitui em diário e é pautada na vivência cotidiana e diuturna da autora. Com certeza, partindo desse cenário crítico-literário, explica-se por que a obra de Carolina levou tanto tempo para ser estudada na maioria dos cursos de Letras. Não havia um cabedal teórico majoritário de orientação sociológica que a acolhesse naquele momento de sua edição. Embora tenha feito sucesso de venda, não foi objeto sistemático de estudos acadêmicos. Porém, no cenário mormente formalista, desponta a crítica de Candido na década de 1960 e posteriormente a de Bosi, já aqui referidos, haja vista que ambos vinculam os estudos literários e o contexto histórico. Entretanto, nem mesmo esse contexto crítico foi capaz de introduzir, de modo substantivo, nossa autora nas grades curriculares dos cursos de Letras.

Na década de 1980, o círculo bakhtiniano passa a fazer parte, de modo tímido, dos estudos literários e, novamente, o local de fala e o contexto das obras passam a ser estudados. Daí por diante, essa perspectiva veio se fortalecendo e frutificando abordagens contextuais e interdisciplinares da literatura. É importante frisar que o Círculo se insere na tradição do materialismo dialético que se distancia do Formalismo. Fizemos uma breve contextualização da mecânica discursiva do Formalismo e da sociologia da literatura. Não é o caso aqui de nos aprofundarmos, mas foi necessário trazer um pouco dessa discussão para o nosso artigo.

Paralelamente a essas duas vertentes, críticos de orientação marxista (desde o século XIX ao XX) nunca deixaram de contextualizar as obras literárias. No Brasil, temos



Nelson Werneck Sodré¹⁴ e Roberto Schwarz¹⁵ como expoentes dessa vertente. Este último, inclusive, foi o responsável por elaborar uma das mais importantes peças críticas sobre a obra de Machado de Assis, atrelando a vida do escritor à sua obra. Para ele, o escritor escreve sobre o que vê e vive. É o fortalecimento de uma crítica sociológica que não oblitera o *locus* discursivo, visto que percebe que a enunciação literária está impregnada pelos valores de sua época e daquele que escreve ou fala. Nesse sentido, a questão da escrevivência como instituinte discursivo se contextualiza dentro desse cenário de longa duração. A tradição marxista e sociológica não desvincula a escrita do seu autor, separando-os, como fazem as estéticas formalistas quando tratam do autor implícito, autor empírico, autor histórico, autor ficcional.

Além desse contexto de longa duração a que aludimos rapidamente (e que não é o foco principal deste artigo), temos também, no discurso literário, a vertente autobiográfica que se sobressai a partir, principalmente, da década de 1990. Todavia, para este estudo, tratamos de uma obra da década de 1960, que é autobiográfica. Carolina conta o que viveu e presenciou. No seu diário há a sua voz e as vozes dos outros, sendo uma escrita de si, ou seja, uma escrevivência, mas que se esclarece no embate e no diálogo com os outros e outras de seu tempo e país. Citamos a autora Conceição Evaristo no que tange à perspectiva da escrevivência porque o termo foi por ela introduzido e explica a sua obra que é resultado de suas vivências. Todavia, a percepção de que a linguagem tem autoria porque é impregnada de vivência, valores pessoais e sociais remonta a épocas anteriores tanto no campo da crítica literária quanto no campo da Filosofia da Linguagem. Somos gratos à Conceição Evaristo por sintetizar em um só termo toda uma discussão sociológica sobre o discurso e que se afasta de uma visão reducionista e formalista da literatura. A obra de Carolina se beneficia desse olhar “teórico” de Conceição que cunha o termo décadas depois da escrita de Carolina. É nessa perspectiva que empregamos o termo, referindo-nos à Conceição Evaristo e ao contexto de longa duração da crítica literária aqui exposta resumidamente.

¹⁴ Sodré (1983) trata da literatura a partir de um prisma marxista, aliando literatura e contexto, sobremodo, discutindo as articulações entre o âmbito infra-estrutural, ou seja, da vida material econômica e sua interação contraditória com a superestrutura, ou seja, o universo cultural e da literatura.

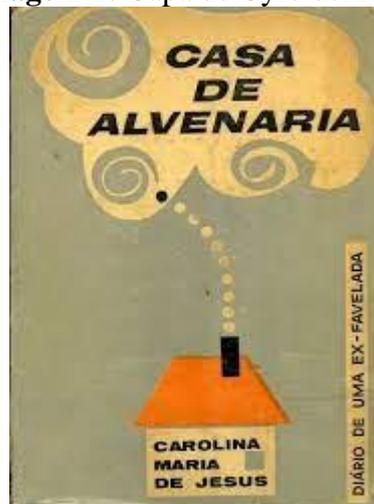
¹⁵ Schwarz (2000) é crítico literário e cultural de orientação marxista e também investiga as relações entre vida e obra dos escritores, recuperando a biografia, a ideologia e a classe social de cada um no intuito de analisar as repercussões formais e sociais desses componentes na constituição estética.



Ainda quanto à literatura como testemunho de vida, ressaltamos que a literatura afro-americana tem se valido dessa estratégia, indo de encontro às teorias estéticas que desvinculam o autor real e empírico do enunciado. A arte aqui é percebida enquanto discurso que parte de um ser real endereçado a outros seres empíricos. Nesse bojo, a teoria bakhtiniana do discurso nos é favorável enquanto mirante da obra de Carolina, pois entende a literatura instituída enquanto *práxis* social discursiva. O substrato materialista-dialético dos filósofos russos ampara essa leitura. Obviamente, não cabe aqui extrair excertos da teoria bakhtiniana, pois é necessário ler na íntegra a obra dos autores que compõem o Círculo e entender que é uma perspectiva holística da Filosofia da Linguagem que não aparta o discurso do contexto e de seu emissor. A autora afro-estadunidense Maya Angelou¹⁶, na mesma época de Carolina, inicia uma série de autobiografias em que reflete sobre sua existência em embate com o mundo dos brancos, sendo uma representante dessa tendência. Carolina e Angelou não se conheceram empiricamente, mas vivenciaram muitas situações semelhantes, salvaguardadas as diferenças contextuais, e as plasmaram em seus escritos. A escrita autobiográfica, nesse patamar, significa uma voz de resistência e de engajamento social, o que o discurso negro tem agregado no campo da estética. Essa escrita de testemunho e de resistência se concretiza enquanto *escrevivência*.

Na continuidade de nosso estudo, a seguir, trazemos a capa da edição que estamos lendo:

Imagem 1: Capa de Cyro del Nero



¹⁶A esse respeito é possível consultar Fanini, Sandrini e Amaral (2020), que elaboram uma pesquisa sobre uma das obras autobiográficas dessa escritora a partir das lentes sociológicas-bakhtinianas, em que se destaca o sentido da *escrevivência* da escritora estadunidense cuja obra ressalta o embate da mulher negra no sentido estético, intelectual e existencial.



Fonte: Capa de Cyro del Nero¹⁷, 1961.

Na capa, temos a figura estilizada de uma casa com chaminé, de propriedade de Carolina visto estar demarcada com seu nome. Nela, vê-se uma chaminé a qual conduz uma fumaça que sinaliza para a concretização do grande sonho da escritora que sempre fora o de adquirir algo seu e que fosse diverso de um barraco, sendo uma casa de alvenaria sólida, construída com tijolos e reboco. O projeto gráfico, no entanto, diminui o tamanho da construção e confere proporção maior ao sonho que leva o título de Casa de alvenaria. Parece que a casa propriamente retratada é menor que o sonho. Esse não é sólido, pois se configura a partir da saída da fumaça, elemento que se desvanece. A casa é concreta; o sonho é feito de fumaça. Na leitura do diário, percebemos que a ida para a casa de alvenaria é benéfica, pois ali já não há mais a falta de insumos básicos para a sobrevivência de sua família, como alimentação, água encanada, abrigo do frio e da chuva, eletricidade, móveis adequados. Carolina descreve a disparidade entre o lá e o cá. Na favela, a passagem do tempo era alongada, pois tinha que percorrer bairros e bairros catando papel para garantir a sobrevivência básica dela e de seus três filhos. Já ao se mudar de bairro, frequenta locais aconchegantes, bonitos, encontrando pessoas ilustres que a enaltecem e o tempo passa muito rápido. Assim se posiciona sobre essa disparidade: “O dia foi minúsculo. Dias longos eram os da favela: fome, briga, rádio-patrolha.” (JESUS, 1961, p.82)

Mas, na vida longe da favela, Carolina é também acoçada por inúmeros problemas, visto que muitos são os que tentam dela se aproveitar, pedindo empréstimos e auxílios financeiros de toda sorte. Nas suas palavras, temos: “Agora que tenho dinheiro sou procurada igual um personagem em destaque. Transformei-me em abelha rainha de uma colmeia que não quer mel, quer dinheiro” (JESUS, 1961, p. 153). Também ocorre

¹⁷ Nascido em 193, no Brás, São Paulo, conviveu com Manoel Carlos, Fernanda Montenegro, Fernando Torres e Carlos Zara. Na juventude fez teatro, porém, como gostava de pintar, dedicou-se à cenografia como profissão. Sua primeira cenografia foi para a montagem da peça “O Anfitrião”, e a convite de Flávio Rangel fez também a cenografia da peça “O canto da cotovia”. Após esses primeiros trabalhos, transferiu residência para a Europa e, ao retornar, estabeleceu-se como cenógrafo. Além de teatro, fez trabalhos para canais de TV como Excelsior, Record, Tupi, Bandeirantes e Globo. Trabalhou como diretor de arte do Programa Fantástico, sendo criador de aberturas de diversas novelas e programas tais como ‘Vila Sésamo’ ‘Carinhoso’, ‘Os Ossos do Barão’, ‘O Rebu’, ‘Gabriela’ e ‘Super Manoela’. Foi ainda o responsável pelo primeiro clip na televisão, ‘Gita’, de Raul Seixas, e de mais de 600 estandes, promovendo feiras de eventos por todo o Brasil. Cyro foi considerado o melhor cenógrafo nacional da 5ª Bienal de Artes Plásticas de São Paulo e também foi professor titular da Universidade de São Paulo nos cursos de cenografia e indumentária teatral na USP. Cyro faleceu em 31 de julho de 2010.



que sua vida já não é sua, pois passa a atender a inúmeras solicitações da imprensa e a sua casa se transforma em um espaço público em que não há a menor privacidade por conta de tantas visitas incômodas que surgem. São repórteres, escritores, livreiros, publicitários que visam algum lucro com a sua proximidade. Carolina é procurada por várias pessoas de diversas classes sociais que lhe pedem ajuda. Uns, muito humildes, ela ajuda; outros despacha, pois percebe o oportunismo. Assim, a escritora esclarece: “Todos dizem que fiquei rica. Que eu fiquei feliz. Quem assim o diz estão enganados. Devido ao sucesso de meu livro, sou vista como letra de câmbio.” (JESUS, 1961, p.114)

A mobilidade de classe social traz ainda outros problemas, pois Carolina percebe que seu reconhecimento é claudicante e pode ser efêmero. Ocupa um espaço intelectual inusitado para a sua condição de cor, gênero e classe. A escritora tem consciência de que não pertence organicamente àquele mundo, mas ali está temporariamente. É uma situação conjuntural, visto que a sua condição é exótica para aqueles intelectuais. Já referimos à obra de Micelli (2001), que trata da condição de classe de nossos escritores.

Em várias passagens, Carolina narra a surpresa com que a elite a percebe. Em certa ocasião, em um jantar em sua homenagem na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, a escritora descreve essa surpresa: “A rádio transmitia a minha entrevista. (...) Eu estava sentada ao lado do prefeito. Que diferença! Outro dia eu sentava nas radio-patrolhas, agora do lado do prefeito. A Dona Heloísa, mulher do prefeito dizia: - O que admiro é que a Carolina foi de favela e sabe comer com garfo e faca! (JESUS, 1961, p.86).

Desse modo, o projeto gráfico da capa do livro de realização de Cyro del Nero capta muito adequadamente essa contradição entre o sonho e a sua concretização. A casa de alvenaria traz uma vida melhor para Carolina, mas também infortúnios, pois a escritora percebe que não pertence àquele meio. Está sendo usada temporariamente. A autora se posiciona de modo crítico aos dois cenários diversos: “... Tem hora que eu fico pensando: na favela há brutalidade. Eram incultos. Aqui há rivalidades e ambição. Não há sinceridade.” (JESUS, 1961, p. 103). Essa contradição está presente na arquitetura de *Casa de Alvenaria* e parece ser a da própria existência da autora, cuja trajetória oscilou entre a miséria, a pobreza e a opulência e entre o anonimato e a glamorização. Carolina narra o que vivencia, sendo sua literatura orgânica à vida, como já dissemos. Essa circulação social e geográfica empreendida por ela a faz intérprete da sociedade brasileira, pois sua visão é imersa e distanciada a um só tempo. Conhece os cenários de dentro e os



vê com sua visão reflexiva e crítica. *Casa de Alvenaria* trata da contradição entre um local e outro, pois ora remete à favela, ora a bairros de classe média e rica em São Paulo. Carolina oscila entre um lugar e outro. Adentra outra classe social, mas não se esquece de sua origem. Avizinha-se da figura do intelectual orgânico¹⁸. Viveu na pobreza e na favela fez amizades e inimizades. Alojada na casa de alvenaria, também passou por alegrias e decepções. Sente pena dos favelados e, ao mesmo tempo, distancia-se deles. Em certa situação, entusiasma-se por não mais pertencer à favela, dizendo: "A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela." (JESUS, 1961, p. 22).

Embora se sinta aliviada em ter deixado sua antiga casa, a consciência de classe a faz se sentir culpada por sair de seu barraco. Quando morava em Canindé, por diversas vezes ajudou os moradores analfabetos a escrever petições, cartas e a se defenderem frente aos interrogatórios policiais. Na fala seguinte, temos essa má consciência de haver deixado seus semelhantes à deriva: "Sentada no restaurante chique eu pensava nos infelizes que catam os restos de feira para comer. Tenho a impressão que os infelizes que passam fome são os meus filhos. Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmãos afogando-se." (JESUS, 1961, p. 86). Em certa situação, Carolina narra seu encontro com o governador Leonel Brizola que a aconselhou a não se distanciar das favelas, procurando influenciar para o bem seus moradores. Desse modo, narra o referido encontro: "Você deve voltar periodicamente à favela, para não perder a sua autenticidade. Você vai visitar as favelas de Porto Alegre e dizer aos favelados que eles precisam e devem estudar. Faça-me esse favor. O meu sonho é acabar com o analfabetismo no Estado. O meu carro está ao seu dispor." (JESUS, 1961, p. 90). Na sequência dessa passagem, a autora narra uma situação em que, ao lado de Leonel Brizola, fala aos favelados da cidade de Porto Alegre para que estudem e leiam como forma de se libertarem da pobreza.

¹⁸ Gramsci (1995) trata dessa questão sobre o trabalho do intelectual advindo de estratos marginalizados da população. A obra desses escritores é necessária como forma de problematizar as injustiças e contradições sociais no sentido de orientar a práxis revolucionária. Os intelectuais das classes abastadas não teriam a real percepção sobre a realidade precária uma vez que não a integram organicamente. Nesse sentido, a obra de Carolina é importante por ser um testemunho de vida que engloba uma crítica contundente às condições sociais da desigualdade social e econômica. Sua existência é semelhante a de muitos outros favelados brasileiros. Há uma narrativa que engloba o coletivo. Nessa acepção, empregamos o termo.



Entretanto, esse sentimento de pertencimento e de responsabilidade oscila, pois o libertar-se daquele espaço degradado em que passou por privações básicas também é festejado por Carolina, demonstrando essa contradição existencial. Na fala a seguir temos: “Até que enfim deixo esse recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem” (JESUS, 1961, p. 47). Esse sentimento de liberdade em relação às agruras da favela é destacado em outras passagens da obra. Desse modo, o livro conta também as conquistas de Carolina, sobretudo a partir de sua atividade intelectual.

A consciência de ser usada para dar audiência a programas de rádio, emissoras de TV, programas de auditório, sociedades beneficentes, dentre outros, também se aclara em diversas passagens e a certeza de que não pertence àquele lugar avulta em várias situações narradas. Carolina está temporariamente em certo cenário, mas como figurante e não na condição de protagonista. Em certa ocasião, sendo partícipe de um debate, percebe a diferença de si para os outros palestrantes e assim ironiza mulheres da alta sociedade com quem conviveu em eventos filantrópicos: “As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social. - Não é justo deixar os favelados no quarto de despejo. Você fez bem em nos alertar para esse problema. Temos que amparar os infaustos. Você demonstrou coragem para sair daquele antro. Eu pensava: Elas são filantrópicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil.” (JESUS 1961, p. 97).

A escritora é consciente dos limites de classe e salienta que falar sobre a pobreza, sem tê-la vivido, é uma abstração. Discursar sobre as condições miseráveis é diverso de vivê-las. Assim assevera: “- Não adianta falar de fome com quem não passa fome” (JESUS, 1961, p. 181). As contradições de sua classe também são vistas por Carolina em relação ao contexto nacional. De modo muito esclarecedor, a escritora destaca as disparidades das regiões brasileiras. O quarto de despejo, que no livro anterior se denominava favela de Canindé, agora, se expande para definir também certas regiões pobres do país: “Todos queixam da opulência de São Paulo, o filho legítimo do presidente da República, São Paulo e Rio são os prediletos. O Norte e o Nordeste são filhos adotivos. Filhos subnutridos (...) O Nordeste é o quarto de despejo do Brasil.” (JESUS 1961, p. 73). As viagens feitas por Carolina para divulgar sua obra lhe dão uma visão crítica sobre os vários Brasis em que avultam as disparidades sociais e regionais. Nesse sentido, a obra é uma leitura do país, sendo Carolina uma intérprete assim como foram Sergio Buarque de



Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado. A literatura, quando engajada na vida e com sentido de responder criticamente às questões sociais, é sempre um documento sobre a realidade. Carolina é também nossa intérprete dessa realidade. De sua escrita surge um depoimento feminino sobre o Brasil, que tem cor, gênero e classe social.

Outra questão em que aflora a percepção contraditória é relativa ao racismo. Carolina oscila entre uma postura crítica e ingênua a um só tempo. Ora percebe o preconceito racial, trazendo situações humilhantes e desrespeitosas para o povo preto, ora assimila, em parte, as ideias de democracia racial, enfatizando a possível convivência amistosa entre brancos e negros. Em certa situação, a autora narra sua ida ao Estado do Rio Grande do Sul, para a cidade de Pelotas, e descreve uma cena em que uma criança negra se aproxima dele e lhe pede que inclua, em seus escritos, a realidade do racismo naquela região. Assim narra:

Um pretinho circulava e dizia em voz alta: - Sabe, Carolina, peço-te para incluir em seu diário que há preconceito aqui no sul. Os brancos que estavam presentes entreolharam-se, achando incômodo as queixas do pretinho. Parei para ouvi-lo. Creio que devo considerar os meus irmãos na cor. – Está bem, incluirei as tuas queixas no meu diário. Quer dizer que há preconceito no sul do Brasil? Será que os sulistas brasileiros estão imitando os norte-americanos? (JESUS, 1961, p. 87)

A autora vai percebendo, em suas andanças pelo Brasil, que há disparidades econômicas e regionais, e que o racismo existe além da favela em que morava. Então, decide narrar esses fatos. Essa decisão demonstra a sua percepção da realidade, transformando a sua escrita em uma interpretação do Brasil a partir do que ouve e vê. Carolina incorpora essas falas e esses olhares em seu diário, fazendo tanto a escrita de si quanto a dos outros. Aqui, nesse caso, é a visão dos pretos.

Ainda na mesma cidade, em outra ocasião, em um encontro em um clube denominado “Fica aí”, Carolina se encontra para ser homenageada. É uma associação de etnia negra que a convida. Nessa situação, após a fala do prefeito da cidade, ocorre a intervenção dos associados e a autora assim comenta:

Depois dos comes e bebes foi o discurso dos pretos. Um discurso esquisito. Queixas raciais. Pensei: até quando essa polêmica entre pretos e brancos? Tem tanto espaço no mundo para viver. O homem não é eterno. (...) O homem tem o dever de cultivar a sua mentalidade para o bem. O belo e o puro. E não cultivar o rancor contra seus semelhantes”. (JESUS, 1961, p. 88)



Percebe-se que Carolina anseia por um mundo sem racismo, visto que tem consciência dos problemas raciais existentes no Brasil. No entanto, é uma perspectiva ainda ingênua, pois atribui a solução do problema a posturas pessoais e individuais. No excerto, aflora uma perspectiva bastante otimista relacionada à índole do homem, figura abstrata que seria talhada para o bem. Não destaca que são as estruturas sociais e históricas que produziram o racismo e continuam a reproduzi-lo. A autora enfatiza certa índole humana que poderia ser ativada para o bem, com vistas ao fim do embate racial, não enfatizando que somente mecanismos que englobem lutas sociais podem dissipar as contradições. Em outra ocasião, a autora se solidariza com os povos da África, condenando a invasão do território pelos brancos e a escravização do povo. Também menciona o presidente estadunidense John Kenedy em sua contribuição na luta contra o fim do preconceito nos EUA. No entanto, sua perspectiva é simplista, pois não atenta para a luta negra como responsável por tais conquistas em território norte-americano.

A autora, como percebemos, oscila entre a consciência do preconceito e a sua negação. São muitas as passagens na obra que corroboram essa dubiedade. Em certa ocasião, a incerteza a assalta e até, na natureza, a escritora vislumbra a possibilidade de haver preconceito racial. O que ela sente socialmente acaba sendo transferido para a natureza. Chamamos a atenção para o fato de que a descrição da natureza é uma constante em sua escrita. Isso se dá pelo fato de que antes de vir a ser moradora de favela, Carolina viveu em um sítio no interior, onde ficava a casa de seus pais. Inclusive o seu sonho sempre foi adquirir uma casa própria e cultivar uma horta, além de criar pequenos animais domésticos. Isso se viabiliza com a compra da casa de alvenaria. Em uma passagem, vertida em linguagem poética, destaca a cor das nuvens, divagando sobre como o meio natural pode se contaminar com o racismo: “O céu está belíssimo. As nuvens estão vagueando-se. Umas, negras, outras cor de cinza e outras claras. Em todos os recantos existe a fusão das cores. Será que as nuvens brancas pensam ser superiores às negras? Se as nuvens chegassem até a terra iam ficar horrorizadas com as divergências de classe. Aqui na terra é assim: o preto quando quer predominar é morto (JESUS, 1961, p. 148).

Porém, em outra ocasião, reforça sua visão ingênua sobre a divisão racial no Brasil, destacando: “Creio que devo ficar contente em nascer no Brasil, onde não existe ódios raciais. São os brancos que predominam. Mas são humanos e a lei é igual para



todos. Se analisarmos os brancos, mundiais, os brancos do Brasil são superiores”. (JESUS, 1961, p.149)

A escritora vê-se como negra e não deseja anular a sua origem étnica e, em algumas passagens, enfatiza a sua negritude, sentindo-se feliz em ser oriunda de matrizes africanas. Na passagem que segue, exemplificamos: “Eu estava pensando na festa comemorativa da Abolição da Escravidão. Mas temos outra pior: a fome. Conversei com um preto que é artista e disse-me que gosta de ser preto. E eu também. Fiquei encantada com o preto João Batista Figueiredo. É bonito estar satisfeito com o que somos.” (JESUS, 1961, p. 20). Nesse excerto, a autora reflete positivamente sobre sua cor e de modo crítico sobre a desigualdade econômica que assola sobretudo os negros e negras de nosso país. A abolição do escravismo legal não modificou as condições econômicas dos recém-libertos. A questão econômica é mais premente na obra, pois a autora viveu abaixo da linha da pobreza, em miserabilidade econômica.

Por fim, Carolina também percebe a contradição de dentro de sua própria classe uma vez que os vizinhos favelados a hostilizam, tanto na época em que ela morava na favela quanto no período em que ela se muda para outro bairro melhor situado em termos urbanos. Não há um sentido de luta coletiva que se fortalece, pois, em muitas passagens, narra-se que cada um tenta sobreviver de modo isolado. Embora haja situações narradas em que ocorre a união contra a intervenção policial violenta, despejo, cobranças indevidas e prisões ilegais. Em relação ao racismo, também é narrado um preconceito de pretos contra pretos. Carolina causa estranheza entre os seus, pois há uma introjeção do preconceito. Muitos incorporam o discurso de que são inferiores e que o trabalho intelectual não é “natural” para os descendentes de africanos escravizados. Chamamos a atenção para a cultura escravocrata que perdura em nosso Brasil e é assimilada por muitos. O labor intelectual sempre teve a hegemonia das elites. Poucos foram os intelectuais advindos de classes pobres em nossa sociedade. Esse fato social é muitas vezes naturalizado. Há algumas situações na narrativa que exemplificam essa problemática. Em dada ocasião, a escritora está dentro de um ônibus, indo para a cidade do Rio de Janeiro a convite para fazer uma palestra. Conversando com os passageiros, informa que irá se hospedar em um hotel destinado às classes abonadas. Um passageiro negro satiriza Carolina por não acreditar em seu relato. uma vez que ela é negra e pobre e, assim, não poderia estar dizendo a verdade. Trazemos o seguinte excerto para ilustrar: “O preto



jocosos que me interrogava, sorriu. O eco de sua gargalhada fez com que os outros olhassem. (...) – Quem vai se hospedar no hotel Serrador viaja só de Cadillac. Os passageiros sorriram. (JESUS, 1961, p. 70). Carolina só descreve a cena, sem juízo de valor explícito, de modo bem econômico e sintético. Porém, a situação é plena de preconceito. O seu estilo é sintético, sobretudo nesta passagem, demonstrando controle discursivo da linguagem. A crítica bem elaborada se produz de modo comprimido, sem verborragia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve itinerário de análise feito nas páginas do livro *Casa de alvenaria*, de nossa escritora Carolina, acreditamos que muito pode ainda ser dito e escrito sobre essa obra. Fizemos um pequeno recorte, selecionando certa perspectiva de leitura, destacando o sentido da “escrevivência” de que nos fala Conceição Evaristo, em que literatura e vida se conectam, estabelecendo-se uma escrita de si e dos outros, em que a autora narra sua vida e também a de seus iguais e de seus dessemelhantes. A obra vai contando a vida de muitos moradores das favelas, sendo um testemunho das dificuldades de tantos pobres brasileiros. Mas também vai se narrando a alteração da vida de Carolina, que por intermédio da escrita e da cultura letrada sai da favela e se torna escritora famosa. O seu relato comprova que a leitura e a escrita são fontes de politização e propiciam consciência de classe e étnica para a escritora. O labor material e o labor intelectual fazem parte de sua vida. Aquele se entrelaça a este, constituindo uma prosa engajada e de denúncia social. Vida real e vida literária se vinculam em um importante ensaio romanesco e sociológico, apresentando uma interpretação do Brasil pelas lentes de uma mulher negra e pobre. A escritora destaca as contradições existentes em cada espaço, pois tanto na favela em que morou quanto no bairro de classe média para o qual migra e, ainda, nas altas esferas econômicas e intelectuais da sociedade que percorre, há venturas e desventuras. A obra precisa ser lida e relida, sobretudo nas escolas de Ensino Médio e nas Faculdades de Formação de professores, pois nos traz um Brasil ainda real, mergulhado no preconceito racial e na disparidade econômica que precisam ser combatidos. A obra nos reforça a certeza de que os livros são importantes, pois Carolina modifica a sua existência a partir das janelas abertas pelos livros que leu e que a auxiliaram a refletir



mais sobre a sua existência concreta. O real de sua existência passa a ser pensado e escrito por suas lentes críticas. A palavra literária, então, renomeia o real, denunciando suas injustiças. O real é concreto, mas é pensado e reelaborado. Como derradeira passagem advinda da obra e sobre essa questão, citamos as palavras da escritora referentes à sua ascensão social por intermédio do amor aos livros: “Eu consegui enriquecer com meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. (...) e viva os livros, porque é a coisa que mais amo, depois de Deus” (JESUS, 1961, p. 123).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCCHINOV, Valentin. Marxismo e Filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: *Hucitec*, 1986.

BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2002.

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: *Ed. Nacional*, 1985.

CONCEIÇÃO, Wesley da Ressurreição. Carolina e Casa de alvenaria: uma interpretação do Brasil. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n 4, 2019, p.59-71.

EVARISTO, Conceição. Entrevista com Conceição Evaristo. *Biblioteca Nacional*. Disponível <<https://www.bn.gov.br/es/node/1774>> Acesso 09/ fevereiro/ 2021.

FANINI, Angela Maria Rubel; SANDRINI, Paulo; AMARAL, Jucelia Silva. Maya Angelou, biografia e crônica social em Eu sei por que o pássaro canta na gaiola. *Revista Criação & Crítica*, v. 27, p. 163-181, 2020.

FANINI, Angela Maria Rubel; PRADO, Carla Silveira. A centralidade da linguagem e do trabalho em Quarto de despejo. *Línguas & Letras (Online)*, v. 15, 2014, p. 34-47.

FLORES, Elio Chaves; SOUZA, Alessandra Araújo de. Meus irmãos na cor: trajetória, experiência e autoria negra na obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 25, 2018, p. 165-193.

GORZ, Andre. O imaterial: conhecimento, valor e capital. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: *Annablume*, 2005.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 10. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: *Civilização Brasileira*, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: *Editora Francisco Alves*, 1960.



JESUS, Carolina Maria de Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves (*Editora Paulo de Azevedo Ltda*), 1960.

MARTINS, Wilson. A crítica literária no Brasil. Rio de Janeiro: *F. Alves*, 1983.

MICELLI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2001.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. Carolina Maria de Jesus: a morada da palavra. *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, v. 3, n. 1, 2015, p. 117-135.

OLIVEIRA. Raphael Alberti Nóbrega. Carolina de Jesus em Caruaru e Recife: Racismo Estrutural e Imprensa no Início dos Anos 60. *Interritórios -Revista de Educação*, v.6, n.1, 2020, p.63-89.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; BLEINROTH, Maria Laura Medeiros; SILVA, Yasmin Maciane; AMORIM, Rayanne Caroline; SANTOS JÚNIOR, José Cícero; MELO, Willamys da Costa. Rastros e restos de Carolina Maria de Jesus. *Revista Polis e psique*, v. 10, 2020, p.137 – 157.

PALMA, Daniela. As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. *Cadernos Pagu [online]*, Campinas, n.51, 2017, s/p.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 34. ed. São Paulo: *Duas Cidades*, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro. 3. ed. Petrópolis: *Vozes*, 1984.

Recebido em: 12/05/2021

Aceito em: 27/07/2021